

# RELEITURA HEIDEGGERIANA ANTI-ESTÉTICA DA ARTE: UMA SAÍDA À REPRESENTAÇÃO

AZEREDO, Jéferson Luís de<sup>1</sup>

SCHLICKMANN, Kelen<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo a seguir tem o propósito de levar a obra de arte para além da ideia de representação. Quer-se igualmente sair da metafísica tradicional, que é o esquecimento do ser, e com Martin Heidegger, desconstruir isso, uma desconstrução que se inicia por meio do reconhecimento de algo anterior ao sujeito que é o *Dasein*, ele como própria abertura do ser. No decorrer no projeto analisou-se a obra de arte como acontecimento da verdade, como uma abertura que faz aparecer a realidade histórica de um sujeito histórico ou de um povo. O objetivo do projeto foi compreender a arte como uma abertura do mundo do ser, que segundo Heidegger se dá por meio do combate entre ‘terra e mundo’.

**Palavras-chave:** Obra de Arte. Estética. Dasein. Heidegger.

## 1 INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa acompanhou no âmbito de algumas obras de Martin Heidegger, primeiramente algumas diferentes elaborações por que passou o conceito de Ser, criando um quadro nocional introdutório para que se ligue ao objetivo principal, para só então apontar sua desvinculação como parte do pensamento metafísico tradicional em uma perspectiva do ente, que substancializa a verdade e o ser do ente ou ainda, apreciação pela subjetividade humana apenas, que só então possibilitará pensar o objetivo principal aqui, que é, a partir da crítica à representação que a arte possa assumir na história, compreendê-la como uma abertura desvelante do mundo e do ser à partir na *Kehre* de Heidegger, que segundo ele, se dá no “combate entre terra e mundo” (HEIDEGGER, 2010). É uma fundamentação que constitui em estudar a arte como compreensão da história do mundo e às aberturas que o ser assumiu nesta história, que no entanto, contrário ao pensamento ordenador, poderá apresentar-se como abertura e um modo de ser mais originário.

---

<sup>1</sup> Docente da UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Letras Língua Portuguesa da UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Para tanto, centra-se este trabalho nas leituras de partes da obra de Heidegger, em nossa edição: “Ser e tempo” (2013), “A Origem da Obra de Arte” (2010) e “Cartas sobre o humanismo” (2005), bem como comentadores secundários como Michel Haar: “A Obra de Arte: ensaio sobre a Ontologia das Obras” (2007).

Parte-se no trabalho que o problema da representação no pensamento moderno (uma crítica à metafísica a partir de Heidegger, especialmente pelas leituras de “Carta sobre o Humanismo” (nesta obra, já pensada como uma “desvinculação” existencialista e exposição de mudança na proposição da questão do ser, que será aqui fundamental para compreender o que se pretende neste trabalho) e em “O que é Metafísica”). Contextualizou-se tal problema na história do pensamento filosófico, e dito “fechado” no pensamento de Heidegger, que aponta o esquecimento do ser em que o objeto e sua decorrente certeza, passam a ser representações do sujeito; Há uma objetivação que reduz o ser – uma verdade que se adequa (*omoíosis*) -, isto visto fortemente na estética, com evidência pelo pensamento do Cogito em que há uma “ascendência metafísica do sujeito pensante [...] com progressivo controle sobre as coisas...” (NUNES, 1999. p. 399); Com Heidegger busca-se ontologicamente a compreensão desta ideia, e não na continuação de fundamentação.

Usou-se também as obras de Heidegger, “Nietzsche”, volumes I e II (2010 - 2007), que analisa Nietzsche e sua arte como rupturas de conceitos estéticos mais tradicionais. No conjunto destas obras, poder-se-á ver a arte como acontecimento em que a verdade se manifesta (*dichtung*), portanto não sendo representação.

## **2 UMA SAÍDA DA METAFÍSICA TRADICIONAL**

Em “A origem da obra de arte”, Heidegger aponta a arte para além da representação, pois para ele a metafísica e a representação falharam, pois não conseguiram compreender a essência do homem, dando diversas denominações como almas imortais,

animais racionais entre outros. A primeira afirmação para ele, que irá construir esta afirmação inicial, é que o homem é um “ente que é no mundo”, sendo assim, têm uma existência histórica finita, ligada ao mundo. O filósofo afirma que “para a representação, tudo se torna uma ente” levando o homem a tomar por ser o ente,

Na medida em que, constantemente, apenas representa o ente enquanto ente, a metafísica não pensa o próprio ser. A filosofia não recolhe em seu fundamento, ela o abandona continuamente e o faz, em verdade, por meio da metafísica. Dele, porém, jamais consegue fugir. Na medida em que esse pensamento procura pensar na própria verdade do ser, em vez de apenas representar o ente enquanto ente, ele já abandonou, de certa maneira a metafísica. (DUNHOFER, 2014, p. 22).

Por isso, sua crítica à representação é ao fato de a metafísica na história não perguntar pela verdade do ser, sendo então, segundo o filósofo o “esquecimento do ser”. E para que aconteça a procura pela verdade do ser é necessário pensar sobre o que é representação.

A palavra vem do latim *repraesentare* que significa “tonar presente” ou “apresentar de novo”. Segundo a tese de Dunhofer, esse termo passa a significar “representar” ou “figurar”. Habitualmente entende-se por representação o processo em que a mente projeta uma imagem mental ou um conceito de um objeto externo a ele. Ainda segundo Lévinas,

ao longo da tradição filosófica tornou-se comum tomar o conhecimento verdadeiro aquele em que a representação é idêntica à realidade. Essa posição entende o conhecimento como representação, ou seja, conhecer seria representar o que é exterior a mente. (LÉVINAS, 2010, p. 97).

De acordo com essa afirmação, conhecer seria projetar uma “imagem” de algo exterior a mente na consciência. A representação toma a realidade externa como um objeto da consciência. Entretanto essa visão tradicional e representacionista do conhecimento é dualista, pois é dividida em dois polos no processo de conhecimento: “o sujeito conhecedor (nossa mente, nossa consciência) e o objeto conhecido a realidade, o mundo, os fenômenos.” (DUNHOFER, 2014, p. 23). Segundo Gianni Vattino, os filósofos limitaram-se e caracterizar

o ser do homem em relação ao ser das coisas. O homem ser o não-objeto, e o objeto só é objeto para o sujeito (Idem).

Heidegger pretende desconstruir esse entendimento de conhecimento da tradição filosófica, pois sua filosofia não é de acordo com a “metafísica da subjetividade”. Em seu processo de desconstrução inicia-se com o reconhecimento de algo anterior ao sujeito, de um ente privilegiado. Segundo ele, *Dasein*, que traduzido para o português quer dizer ser-aí “é este ente que cada homem é, que possui em seu ser a possibilidade de questionar” (HEIDEGGER, 2008, p. 43).

### **3 A EXISTÊNCIA - *DASEIN***

Em seu conceito o homem nunca é, porém, está sempre à procura de seu ser, pois “a essência do *Dasein* está em sua existência”. Em sua definição de *Dasein*, não há aquela dualidade de sujeito e objeto que antes foi citada, para Paulo Cesar Duque Estrada (2006, p. 25).

Dasein e o acontecer da experiência fundamental de estar vinculado ao ser, e de ser apenas esse vínculo. No acontecer dessa experiência se dá o aparecimento tanto do ente, em seu modo de ser enquanto tal, quanto do próprio Dasein, em seu modo de ser aberto ao ser do ente enquanto tal. Trata-se, portanto, de um momento mais fundamental do que aquele de uma relação de adequação entre sujeito e objeto e, neste sentido, mais fundamental também, do que toda instância de autoconfirmação da consciência, em suas variadas formas de apropriação objetiva do ente.

Sendo assim, o *Dasein* é a própria “abertura do ser”. Percebendo que a metafísica não esclarece o sentido do ser, mas limita-se a revelar o ente, o filósofo abandona a metafísica e vai buscar o sentido do ser na arte. Heidegger diz que “a questão do ser só receberá um concretização verdadeira quando fizer a destruição da tradição ontológica.” Com base em sua afirmação, pode-se concluir que a arte, também só receberá uma concretização, quando destruir a tradição estética.

Para o filósofo pensar sobre a arte, implica em refletir sobre a própria obra de arte, sua essência, o que lhe caracteriza como obra e sua criação. Ao pensar sobre isso, ele descobriu que refletir sobre o caráter de arte da obra, implica antes na relação entre arte e verdade. Essa perspectiva se relaciona com a ontologia, e não trata a arte como objeto da estética fazendo com que a arte perca o reconhecimento do ser, e seja compreendida apenas a partir do belo e do gosto.

#### **4 COMO PENSAR A ARTE?**

Heidegger, a partir de sua crítica à estética, emprega a noção de vivência (*Erleben*) - como modo na qual as obras de arte representam experiências e que seriam capazes de trazer a beleza e o encantamento para a vida ordinária. A estética considera a obra um objeto da vivência. Quando a arte passou a ser compreendida esteticamente o belo e a arte tornaram-se objeto de fruição de um sujeito. Nessa relação sujeito-objeto, o sujeito tem um relacionamento transcendental (forma), e a obra teria uma estrutura de coisa (matéria), e no entanto a arte seria apenas um objeto para a sensibilidade. Tornando a arte algo que promove experiência psicológicas no homem ou seja “vivências”. Portanto, Heidegger não quer criar uma nova estética, mas destruir a filosofia da arte da tradição metafísica e superar o pensamento representacional, que não pode ser algo apenas no pensamento, mas em todo modo de ser do homem no mundo.

Na representação tudo ser tornou imagem para o homem, para o sujeito, com isso, o sentido de imagem se satura, pois o mundo está saturado de imagens. O que Heidegger apresenta, é outro sentido à arte, que não está no campo das imagens, mas relacionado com a verdade.

Segundo o filósofo a arte é uma origem, se entendermos origem (*Ursprung*) como salto (*Sprung*). O significado do termo *Ursprung* adquire um aspecto histórico e também “um

pulo adiante”. Ao procurar as origens, ele não pretende determinar o que produz a existência da obra de arte como seu efeito, mas a compreensão da obra como sendo, ela mesma, origem.

Benedito Nunes no “Dorso do tigre” diz:

Uma vez que a perspectiva estética tenha sido reduzida fenomenologicamente, veremos na obra de arte um dos fulcros originários da projeção. Ela se apresentará como fonte por onde a verdade jorra. Em vez de depender de outras verdades, a arte passará a encarnar o fundamento que possibilitou a própria abertura do mundo. (NUNES, 2009. p. 54).

Heidegger promove a reflexão de três obras diferentes em tempos diferentes na “Origem da Obra de Arte”: Um templo grego, “A fonte Romana” de Conrad Ferdinand Meyer e a pintura de um par de sapatos de Van Gogh. Cada obra pertence a uma época diferente da história do ser, a época moderna, a medieval e a antiga. Ele afirma que a cada manifestação do ser no ente a arte anuncia um “novo começo” na história. E em cada um desses momentos aconteceu historicamente a desocultação do ente, “assim, é próprio da arte desvelar a verdade de uma época histórica” (DUNHOFER, 2014, p. 64). Arte como um acontecimento historial, que transforma o já conhecido em uma configuração histórica da verdade, da clareira do ser (*Lichtung des Seins*).

Portanto, o filósofo pensa na obra de arte como um “acontecer da verdade” (*Geschehen der Wahrheit*), ou seja, como desvelamento do ente, trazendo a luz do ser, ela “faz brotar a verdade. A arte faz assim surgir, na obra, a verdade do ente. Fazer surgir algo é trazê-lo ao ser no salto que instaura, a partir da proveniência essencial - eis o que quer dizer origem.” (HEIDEGGER, 2010, p. 11). A arte está relacionada ao sentido de desvelamento, de trazer o ente à luz; Ela é o “acontecer da verdade”.

Essa “verdade” não se limita apenas como identidade ou adequação entre os homens e as coisas dito até então, mas é segundo Heidegger: *alétheia* a partir do desvelamento, e a obra de arte faz ver de um modo novo o “ser-aí” histórico, uma abertura

para novas realidades. No entanto a verdade também não se trata da verdade como correspondência, “na qual o ente da obra corresponde a uma realidade exterior a ela própria, tal qual na ideia da arte como cópia, imitação de algo ou representação de algo”. (DUNHOFER, 2014, p. 81). Muito tempo apontando pela tradição platônica. No entanto, a arte não é a representação de realidades, que necessitam de correspondência e adequação, mas é a restituição da essência, é “trazer a luz”. Um exemplo citado no “Origem da obra de arte”, os “Os sapatos de Van Gogh”, em que o par de sapatos é uma abertura, pois ele o torna visível o trabalho da camponesa em seu acontecer “junto ao cansaço, ao sol quente, com a paisagem que a circunda.” (DUNHOFER, 2014, p. 81), nesta obra, o mundo da camponesa ganha sentido aparecendo seu próprio movimento de vir a luz.

Na escura abertura do interior gasto dos sapatos, fita-nos a dificuldade e o cansaço dos passos do trabalhador. Na gravidade rude e sólida dos sapatos está retida a tenacidade do lento caminhar pelos sulcos que se estendem até longe, sempre iguais, pelo campo, sobre qual sopra um vento agreste. No couro, está a humidade e a fertilidade do solo. Sob as solas, insinua-se a solidão do caminho do campo, pela noite que cai. No apetrecho para calçar impera o apelo calado da terra, a sua muda oferta do trigo eu amadurece e a sua inexplicável recusa na desolada improdutividade do campo no Inverno. Por este apetrecho passa o calado temor pela segurança do pão, a silenciosa alegria de vencer uma vez mais a miséria, a angústia do nascimento iminente e o tremor ante a ameaça da morte. Este apetrecho pertence à terra e está abrigado no mundo da camponesa. É a partir desta abrigada pertença que o próprio produto surge para o seu repousar-em-si-mesmo. (HEIDEGGER, 2010, p. 25-26).

Diante disso, nota-se que o par de sapatos pintado por Van Gogh não é apenas um “quadro” pendurado na parede, Heidegger mostra que esta obra tornou visível o mundo da camponesa. A pintura apresenta a singularidade de um mundo. O par de sapatos só se constitui enquanto obra pelo abrir-se da essência do ser-sapato que remete ao mundo da camponesa e torna a sua realidade existente. É evidente que a obra torna-se clareira (*Lichtung*) que clareia o ente.

Tudo isto è visto por meio do apetrecho de calçar, presente no quadro de Van Gogh. É apenas por meio da obra de arte que se revela o ser essencial do apetrecho, que

conecta a camponesa com seu mundo e sua terra. O ser-apetrecho do apetrecho reside em sua serventia. “Mas esta, por sua vez, repousa na plenitude de um ser essencial do apetrecho. Denominamo-la a solidez (*Verlässlichkeit*)” (HEIDEGGER, 2010, p. 26). É graças a solidez que a camponesa está certa do seu mundo, e é por meio do apetrecho que é confiada “ao apelo calado da terra” (Idem).

Apesar de o apetrecho ter manifestado o ser dos entes e do ente enquanto ente, não foi ele que instaurou o modo de ser. A obra de arte o par de sapatos de Van Gogh “é como uma “coisa” que não se limita a pertencer a uma abertura de mundo, mas abre, revela essa própria abertura.” (DUNHOFER, 2014, p. 82).

## **5 ESPAÇO ESSENCIAL DA ARTE**

Cada obra de arte possui seu “espaço essencial”. Para Heidegger, o mundo desta e outras obras ruiu, pois o que está em obra na abertura da obra de arte não é o fato de estar exposta em um museu ou uma coleção, nem ir ao local original da obra porque o espaço já perdeu sua temporalidade própria. Sendo assim, para ele, mesmo que se possa encontrar as obras em museus ou acervos o mundo delas não pode mais ser restituído, pois elas perderam seu “espaço essencial” (*Wesenraum*). Apenas ter o acesso a obra não faz com que o observador não consegue alcançar o que ela foi na época em que seu existir foi mais autêntico, que é a questão do espaço e das relações da obra com ele e com seu mundo.

Heidegger diz que mesmo se elas forem tiradas de seu “espaço essencial”, é importante que sejam conservadas para no tempo presente, mostrar a historicidade de um povo, “a arte é histórica e, enquanto histórica, é a salvaguarda criadora da verdade na obra” (HEIDEGGER, 2010, p. 54).

O conceito de salvaguarda para Heidegger é “enquanto saber, a sóbria persistência no abismo de intranquilidade da verdade que acontece na obra” (Idem). No entanto, é o trabalho humano de deixar a obra ser o que é em verdade e persistir na verdade do ente que advém na obra pela obra.

Outro exemplo em que se pode perceber isto é na análise de um templo grego que Heidegger faz, que também aparece no livro “A Origem da obra de arte”. Nele, a perda do mundo de uma obra é a perda de suas “relações estabelecidas por ela e partir dela desde sua criação.” (DUNHOFER, 2014, p. 88).

O templo no seu estar aí (*Dastehen*) concede primeiro às coisas o seu rosto e aos homens a vista de si mesmos. Esta vista permanece aberta enquanto a obra for obra, enquanto o deus dela não tiver fugido. O mesmo se passa com a dobra de uma imagem (*Bildwerk*) do deus, que o vencedor lhe consagra no campo da luta. Não se trata de uma representação para que, através dela, mais facilmente se conheça que aspecto tem o deus, mas é uma obra que faz advir o próprio deus e que portanto, é o próprio Deus.

Segundo o filósofo o templo não representa nada, ele presentifica a morada da divindade, pois o povo grego não via aquele templo como uma obra de arte, mas como a presença do sagrado. O templo no seu estar ali trazia a presença da divindade, então ele é obra a partir do momento em que revela por meio de si um sentido historial (*geschichtlich*). A obra tanto a pintura quando o templo grego, “evidencia um mundo e depõem sobre a terra”. (DUNHOFER, 2014, p. 89).

## **6 TERRA E MUNDO PARA HEIDEGGER**

É graças ao templo que o deus advém nele mesmo, é essa “morada” do deus no recinto que faz o templo ser sagrado. É nele que se abriga toda a relação de um povo com sua cultura. E “ganham para o ser humano a forma do seu destino” (HEIDEGGER, 2010, p. 32).

São essas relações abertas o mundo daquele povo, Heidegger em “A Origem da obra de arte”, descreve o local onde se encontra o templo

Ali de pé, a obra arquitetônica resiste à tempestade que se abate com toda a violência, sendo ela quem mostra a própria tempestade na sua força. O brilho e a luz da sua pedra, que sobressaem graças apenas à mercê do Sol, são o que põe em evidência a claridade do dia, a imensidade do céu, a treva da noite. O seu seguro erguer-se torna assim visível o espaço invisível do ar. A impertubabilidade da obra contrasta com a com a ondulação das vagas do mar e faz aparecer a partir da quietude que é sua, como ele está bravo. A árvore, a erva, a águia e o touro, a serpente e a cigarra adquirem uma saliência da sua forma, e desse modo aparecem como o que são. (2010, p. 33).

É este vir a luz que abre ao mesmo tempo a clareira daquilo sobre o que o homem habita. É isso que Heidegger chama de terra, e é sobre ela que o homem historial funda o seu habitar no mundo. A terra é onde o que se ergue (*bergen*) está claro enquanto tal. Ela advém com aquilo que dá guarida. “A obra que é o templo, ali de pé, abre um mundo e ao mesmo tempo repõe-no sobre a terra.” (Idem). No momento em que a obra instala um mundo, produz terra. No entanto a própria obra move a terra para o aberto de um mundo. “A obra deixa que a terra seja terra” (Idem).

O templo no seu *estar-aí* traz consigo a presença do divino, e ela permanecerá obra, enquanto o deus dela não fugir. Pois é por meio dele que ela por si própria revela um sentido historial, desde sua origem, que é o lugar sagrado, por tornar visível a si mesmo o seu lugar e expor a presença do deus ao homem. “O templo se faz obra, e no seu fazer-se obra ilumina tudo o que congrega o seu existir (isso é mundo)” (DUNHOFER, 2014, p. 84).

Mundo e terra são essencialmente diferentes, porém, são inseparáveis. O mundo é a abertura que se abre no destino de um povo histórico, e a terra é o que da guarida na medida em que se fecha. “O mundo funda-se na terra e a terra irrompe através do mundo” (HEIDEGGER, 2010, p. 38).

O ser obra da obra consiste no combate entre mundo e terra. Esse combate eleva os combatentes a sua auto-afirmação das suas essências. A terra não pode renunciar ao aberto do mundo, e o mundo não pode libertar-se da terra como “amplitude reinante e senda de todo o destino essencial” (Idem). O ser-obra da obra consiste nesse combate, pois é na intimidade dele que a “quietação da obra, em si mesma repousando, tem a sua essência” (Idem).

Essa oposição é fundamental, um como a abertura, e o outro como recolhimento. Mundo e terra são mantidas pela harmonia que criam na obra, “o mundo como pura abertura não admite o fechamento da terra, embora tenha as raízes nela” (Idem). A terra deseja conter em si também o aberto do mundo. As duas sustentam o combate que instiga a origem da obra. Nesse combate se disputa a desocultação do ente na sua totalidade, a verdade. O surgir de ambos é a essência do “acontecimento da verdade”.

Segundo Heidegger o verdadeiro que dizer o mesmo que autêntico, o mesmo que dizer outro autêntico. A verdade é a essência do verdadeiro. A essência de algo consiste naquilo que o ente verdadeiramente é. Ao pensar na essência da verdade o filósofo pensa em desocultação do ente. A totalidade do ente advém de um lugar aberto, uma clareira. O ente enquanto ente só pode ser com o clareado desta clareira. É graças a ela que o ente pode ser desocultado. Essa clareira é em si simultaneamente ocultação, que reina sobre o ente de forma dupla.

A ocultação é um enganar-se ou a dissimulação (*Verstellen*), isso quer dizer segundo Heidegger (2010, p. 43) “o lugar aberto no seio do ente, a clareira, nunca é um palco rígido, com o pano sempre levantado e sobre o qual o jogo do ente se representa.” A desocultação nunca é um estado, mas é sempre um acontecimento.

A obra de arte é um acontecimento da verdade porque ela se dá inteiramente nela. É também inaugural, pois sempre há algo de novo nela, por mais que tenha centenas de anos. Ela é sempre fiel a sua origem e por isso é capaz de abrir a verdade. Toda obra de arte

como acontecimento extrapola o tempo e o espaço no qual se situa fisicamente, e assim evocando o ser para sua abertura. A obra de arte é um acontecimento da verdade pois mantém um caminho até o ente em seu ser, o seu desvelar.

Segundo Heidegger a verdade pode ser entendida como liberdade, de deixar ser no aberto. O ente ocultado, é desvelado em momentos essenciais, como por exemplo na obra de arte. Ela é liberdade, pois permite que o apareça e ao mesmo tempo o resguarda no ser.

A verdade como liberdade, como deixar-ser no aberto, faz com que o homem seja o que é, o ser-aí. Por isso, não se trata de uma existência humana verdadeira, o homem não apenas vive e sobrevive, ele é decisão, ele é liberdade, por isso **eksistência**. E por ser livre é que o homem pode desde sempre perguntar pela própria essência. (COSTA, 2014, p. 41) (grifo nosso).

Ao tentar entender o ente que é abre espaço para aparecer no aberto. No momento em que o ente se dá conta dessa pergunta pela sua essência, se dá conta do ente em sua totalidade, o ser. “Então a liberdade não é uma propriedade humana, ela funda a possibilidade do homem ser num tempo determinado e concomitantemente desvela o ser” (COSTA, 2014, p. 40). O homem tomando conta de sua contingência não apreende toda a sua totalidade. Porém de alguma forma sempre toca no ser, mas alguma coisa sempre fica encoberta, que é o ser na sua totalidade. Por isso segundo o ser humano tem de sempre se renovar pois é “o destino humano fazer a hermenêutica da autocompreensão, a tarefa de sempre buscar o sentido do ser. Nela o homem como ser-aí apreende, ao menos de maneira fugaz, o ser do ente” (Idem).

## **7 ARTE E ARTISTA: DOIS EM UM, UM EM DOIS**

A obra de arte é umas das formas de manifestação humana. Segundo Heidegger (2005, p. 92) a “arte não é tida nem como campo de realização da cultura, nem como aparição do espírito, mas pertence ao acontecimento da apropriação unicamente a partir do qual se

determina o sentido do ser.” Quando se indaga pela obra, na verdade, busca-se a sua origem. A origem para Heidegger, não é entendida como ponto de partida de algo, mas como a proveniência da sua essência.

‘Origem’ significa aqui aquilo a partir do qual e pelo qual algo é aquilo que é e como é. Ao que uma coisa é como é, chamamos a sua essência. A origem de algo é a proveniência da sua essência. A pergunta pela origem da obra de arte indaga a sua proveniência essencial. (2010, p.11).

A origem é onde se pode ler, ver e entender a essência, é o começo do sentido que se manifestará em forma de acontecimento, que gerará a arte, e está a obra de arte. Sendo assim perguntar pela origem da obra de arte, é questionar pela essência da arte.

Para encontrar a essência é preciso saber que, a obra surge por meio da atividade do artista. Para ler a essência é preciso ler o artista, que é o “carregador” desse acontecimento que se fez arte. Heidegger questiona o que faz o artista ser o que é e a partir do que? O artista é o que é por meio da obra, pois é por ela que ele se torna conhecido como um mestre da arte. O artista não se sustenta sem a obra e a mesma não se sustenta sem ele, “o artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista” (HEIDEGGER, 2010, p. 11). Tão certo como um é a origem do outro a arte é de outro modo é a arte quem origina o artista e a obra.

A arte pode ser considerada também como uma ideia coletiva, que seria a junção daquilo que é real: as obras e os artistas. Porém, só há obra e artista no momento em que existe arte. Com isso retorna-se ao pensamento de que questionar a origem da arte, é perguntar pela sua essência. E ao procurar por isso percebe-se com facilidade que se percorre em um círculo. Pois a arte encontra-se na obra e a mesma só pode se experienciar a partir da essência da arte. Mas não há como saber de fato se a obra contemplada é de arte, se não saber antecipadamente o que ela é.

## **REFERÊNCIAS**

COSTA, Solange. **Terra, mundo e verdade: Hölderlin, Heidegger e a obra de arte.** 2014. 150f. Tese (Pós-graduação em filosofia). Universidade Federal da Paraíba. Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação Programa Integrado de Doutorado em Filosofia, Paraíba. 2014.

DUQUE, César. Ciência e Pós-Representação. **Revista política e trabalho.** 2006.

DUNHOFER, Fagundes, Gabriela. **Heidegger e as artes visuais o pensamento da arte para além da representação.** 2014. 161f. Tese (Doutorado em filosofia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014.

HAAR, Michel. **A Obra de Arte: ensaio sobre a Ontologia das Obras.** 2ª ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem.** Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.

\_\_\_\_\_. **Cartas sobre humanismo.** 2005.

\_\_\_\_\_. **A Origem da Obra de Arte.** Trad. Idalina Azevedo e Manuel António de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo.** Trad. e Rev. Márcia Sá Cavalcanti Schuback. 9ª ed. Petrópolis: Rio de Janeiro. Ed. Universitária São Francisco, 2014.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche I.** Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche II.** Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2007.

LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger.** Lisboa: Instituto Piaget, 2010.

NUNES, Benedito. **O dorso do tigre.** São Paulo: Editora 34, 2009.